



O ERRO DOS ACADÊMICOS PARA SANTO AGOSTINHO DE HIPONA

THE ERROR OF THE ACADEMICS ACCORDING TO SAINT AUGUSTINE OF HIPPO

Rafael Rodrigues Lopes

Mestrando em Filosofia pelo PPGFIL/UECE.
rafaelrodrigueslopes88@gmail.com

O ceticismo dos acadêmicos não era um puro pôr tudo em dúvida a ponto de desconstruir todo conhecimento e duvidar radicalmente de que é possível alcançar a verdade. Tal filosofia combatida por Agostinho está inserida no contexto do helenismo, tendo sua origem na Academia fundada por Platão. Assim, tal escola filosófica tinha por papel a investigação sem fim. O filósofo africano combate-a ao mesmo tempo que a acolhe como uma iniciação à filosofia platônica. Mas o problema está no erro apontado por ele nessa forma de fazer filosofia na obra *Contra Academicos*. Investigar tal erro é o propósito do presente estudo.

The skepticism of the academics was not a pure question in going everything to the point of deconstructing all knowledge and radically doubting that it is possible to reach the truth. This philosophy, which Augustine fought against, is inserted in the context of Hellenism, having its origins in the Academy founded by Plato. Thus, this philosophical school had as its role endless investigation. The African philosopher fights against it at the same time that he welcomes it as an initiation to Platonic philosophy. But the problem is not wrong, as he points out in this way of doing philosophy in the work *Against Academics*. Investigating this error is the purpose of this study.

Palavras-Chave: Ceticismo, Academia, Erro.

Keywords: Skepticism, Academy, Error.

1. Introdução

Agostinho na obra *Contra Academicos* se propõe a combater duas afirmações dos céticos da Nova Academia, a saber: “... *que nada se pode perceber de verdadeiro, e que a nada se deve assentir.*” (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 10.22). O filósofo africano¹ na supracitada obra rejeita a opinião de Licêncio, um discípulo seu, que afirma que a felicidade é a recompensa da busca da verdade atrelando, assim, ao conceito de verdade o conceito de felicidade. Agostinho refuta essa ideia afirmando que não a simples busca, mas apenas o encontro com a verdade é capaz de tornar o ser humano feliz. Desse modo, a convicção cética da procura eterna pela verdade torna-se um entrave, não apenas em nível epistemológico, mas também a nível ético e religioso, uma vez que é empecilho à esperança de descobrir a vida feliz e Deus, que figura como a Verdade da qual deriva a felicidade.

O filósofo africano critica Carnéades, crítico do estoicismo e fundador das bases do ceticismo, afirmando que tal cético buscava provar as coisas, portanto, tendo assim acordado. Em sua argumentação ele afirma: “... Carnéades, dirias que não sabe se és um homem ou uma formiga? Ou será que Crísipo triunfará sobre ti?” (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 10.22). Para Crísipo de Solos o conhecimento verdadeiro vinha da percepção sensível, o que nesse contexto a colocação de Agostinho soa como piada já que para o filósofo de Solos é possível o conhecer. E mais ainda, ele afirma que o ceticismo é uma invenção descabida: “Mas não reparas que aquela definição é uma invenção de um filósofo, fixada e fundada no vestibulo da filosofia.” (Ibid.), e que se tentar demovê-la ficará mais claro que se pode perceber algo e inclusive aquilo que tem verossimilhança com o falso. Mostrando, assim, sua rejeição ao modo cético de fazer filosofia.

2. O ceticismo da Nova Academia

Soa estranho que a Academia de Platão tenha tido seu momento cético, mas nesse caso o conceito de ceticismo não se relaciona com dúvida ou negação, mas com investigação, pois vem do grego *sképsis*. Assim como toda escola filosófica do período helenístico, o ceticismo buscava predominantemente o fim ou *télos* da vida do homem. A

¹ Agostinho é um filósofo genuinamente africano, pois nasceu na Numídia, uma província romana do norte da África. E foi nas cidades africanas de Tagaste, Madaura e Cartago que ele recebeu toda a sua formação intelectual. Sobre a estirpe africana de Agostinho, vale a pena ler a nota 1 em TRAPÊ, 2017, p. 21.

investigação sem término era a função da supracitada escola, a qual não almeja a destruição do conhecimento; mas aquela fazia parte da boa vida no sentido compreendido da mensagem enviada por Sócrates à Atenas, onde está claro que a investigação é o maior bem humano e que sem ela não há uma verdadeira vida (cf. FITZGERALD, 2018, p. 226).

No *Contra Academicos* o filósofo africano percebe que Carnéades viu-se coagido, uma vez que se o não assentir é imperativo, logo o sábio nada pode fazer o que é uma contradição porque ele derivou sua doutrina de Platão. Sendo assim pressionado Carnéades iniciou a acatar as ações bem-vistas pelos outros platônicos e nomeou de verossímeis os entes que pareciam com os verdadeiros, que são seguidos ao agir. Notou por sua prática a que entes aqueles eram semelhantes, e a esconder com providência ao que chamou de provável. Aí vê-se em seu modelo original a cópia platônica. No entanto, como o sábio pode aprovar ou como a cópia pode copiar o modelo se não se sabe qual seja o verdadeiro em si? Esse problema, percebe Agostinho, faziam os céticos conhecer e aprovar falsos entes, nos quais eram atribuídos a imitação dos modelos em si. Contudo, não era lícito nem acessível demonstrar isso aos não preparados espiritualmente, deixando assim essa doutrina esotérica de Platão implícita à má interpretação de seus oponentes. O que mostra como os céticos continuavam fiéis a Platão, mas, no entanto, escondiam esse ensinamento para protegê-lo. O que é evidenciado em suas atitudes: “Eles proibiam aos bons dialéticos, com insultos e zombarias, de levantar questões sobre meras palavras. E por essa razão se diz que Carnéades é o cabeça e o autor da terceira academia” (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 18.40).

Apesar dessa interpretação do ceticismo não ser aceita pela maioria dos estudiosos, nela há um quê de verdade: os céticos acadêmicos combatiam o empirismo e o materialismo dos estóicos, que eram seus principais adversários filosóficos. O ceticismo dos acadêmicos objetivava refutar a aspiração dos estóicos à determinação científica embasada na experiência sensível, em nenhum momento rebelou-se contra as doutrinas platônicas ou contra a viabilidade do conhecimento inteligível, ou seja, a perspectiva suprassensível, que através do “olho” da alma é captada do transcendente, tal como são as formas inteligíveis de Platão (cf. FITZGERALD, 2018, p. 226).

Na obra em questão, onde o filósofo africano combate o ceticismo, Alípio concorda que o sábio tem ciência da sabedoria, mas quando é indagado sobre se o sábio acadêmico tem ciência ou não da sabedoria ele responde: “... E a ti, julgas ser a mesma coisa ou algo diverso parecer a alguém que sabe e realmente saber.” (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 4.8). O que fica evidenciado uma controvérsia tusculana, onde não se

responde ao que é indagado, mas apenas se coloca outra objeção. Desse modo, no diálogo referido, Agostinho novamente, e com insistência, interroga Alípio sobre se o sábio da Nova Academia tem ou não ciência da sabedoria. Ao que ele responde que tal sapiente parece crer saber da sabedoria, não respondendo novamente à questão levantada, mas, apenas confirmando que não sabe uma vez que não quer afirmar nada temerariamente no que tange a distinção entre saber e ter opinião que sabe com relação a questão feita por seu interlocutor.

Agostinho para chegar a alguma conclusão coloca que segundo a razão é sapiente aquele que não ignora a sabedoria, ao que Alípio consente. Mas a partir desse momento a questão muda, agora trata-se de saber se é possível descobrir alguém que tem sabedoria. O objetivo disso é resolver a presente questão já que em caso for verdade haver algum sábio, todo o problema estaria resolvido porque tal sapiente estaria de posse da sapiência, assim como foi acertado por eles. Tendo isso sido estabelecido agora só resta discordar dos acadêmicos, pois eles são da opinião de que o sábio não possui a sabedoria, donde se conclui que ele nada sabe. Mas de acordo com Alípio o sapiente está de posse da sabedoria, discordando assim dos céticos acadêmicos porque ter ciência da sabedoria não é nada saber.

Desse modo, os acadêmicos não foram totalmente refutados, pois eles ainda têm como imperativo a suspensão do juízo, o que Agostinho até aqui não disse nada contra. No entanto Alípio levanta a hipótese de que tal argumento cético possa ser vencido por algo que eles próprios afirmam, alguma coisa de bastante provável, chegando assim ao poder numinoso que dá ao sábio a sapiência. Somente desse modo é que Alípio confessa que poderá superar os acadêmicos.

Agostinho faz ver que há um ponto em comum entre ele e os céticos, que é o fato de que se deva dar assentimento à verdade, mas divergem no que diz respeito a não conseguirem encontrá-la. Com isso, ele argumenta que para os céticos nada se pode ver verdadeiramente porque os sentidos enganam, então assim não há como errar porque erra aquele que aprova temerariamente o que se lhe apresenta. No entanto, eles afirmam que o falso é perceptível pelos sentidos e concordam que nada se possa conhecer de fato. Desse modo, não há discussão já que nada se sabe e nada se lhe manifesta. Mostrando assim a fragilidade de seu argumento, pois nem mesmo dele se tem conhecimento certo (cf. *Ibid.*, III, 11.24).

3. O ceticismo de Agostinho

Tendo sido refutado o ceticismo dos acadêmicos, já que para o filósofo africano a própria ideia de se afirmar que não é possível o conhecer já é problemática uma vez que até o conhecimento de tal asserção seria falso, resta reconhecer que o método agostiniano é cético. Ceticismo esse que ele se sentiu atraído por um momento de sua vida:

Acudira-me de fato a ideia de que os mais esclarecidos entre os filósofos eram os chamados Acadêmicos, quando afirmavam ser preciso duvidar de tudo, e que o homem nada pode compreender da verdade. Eu conhecia o pensamento deles, pelo que lhes era comumente atribuído, pois não compreendia ainda seus reais propósitos. (AGOSTINHO, *Conf.*, V, 10, 19, p. 133)

É na transição entre o maniqueísmo e o catecumenato católico que o ceticismo de Agostinho vem à tona de forma decisiva a ponto de fazê-lo abandonar a seita gnóstica e a simpatizar com o catolicismo:

Assim, duvidando de tudo, à maneira dos acadêmicos – como se imagina comumente – flutuando entre todas as doutrinas, resolvi abandonar os maniqueus. Parecia-me, nesse momento de dúvida, que não devia permanecer nessa seita, que eu colocava em plano inferior a alguns filósofos, se bem que recusasse terminantemente confiar a seus cuidados a fraqueza de minha alma, por ignorarem eles o nome de Cristo. Resolvi então permanecer como catecúmeno na Igreja católica, conforme o desejo de meus pais, até que alguma certeza viesse apontar-me o caminho a seguir. (AGOSTINHO, *Conf.*, V, 14, 25, p. 139)

Segundo Gareth, Agostinho adotou o caminho do questionamento sobre questões existenciais procurando respostas ao que se é colocado em xeque. Nos seus dezoito ou dezenove anos leu uma obra de Cícero, hoje perdida, chamada *Hortensius*, tal leitura o despertou para a Filosofia e o fez querer com intensidade a sabedoria própria de um filósofo. Agostinho em sua fase cética respondeu ao desafio do ceticismo em todas as suas mais importantes obras. Em sua obra mais importante sobre o ceticismo o *Contra Academicos* o filósofo africano desenvolve todo seu conhecimento sobre o ceticismo da Nova Academia que houvera aprendido do *Academicos* de Cícero (cf. MATTHEWS, 2007, p. 29-30).

Na obra supracitada de Agostinho no seu livro terceiro há verdadeira Filosofia, o que constitui a obra como um todo interessante apesar de ela ser um tanto esotérica e de difícil compreensão. O objetivo principal do *Contra Academicos* é saber se de alguma coisa se pode tomar conhecimento, e para tanto é tomado de Cícero como critério do conhecer a definição de Zenão. Tal definição diz que a verdade que pode ser percebida é impressa na mente de quem observa pelo que da própria coisa observada provém, de tal sorte que não pode vir de outro lugar a não ser daquele lugar mesmo de onde vem. Dita dessa forma essa

definição fica um pouco enigmática e incompreensível, mas no terceiro livro dessa mesma obra o filósofo africano refina tal conceito e diz: “... só pode ser compreendido o que se vê que aparece de tal modo que não pode aparecer como falso. Fica manifesto que nada além disso pode ser percebido então.” (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 9, 21).

Nessa formulação mais refinada vê-se que há uma melhor clareza dos termos, como por exemplo, o termo latino *posse comprehendere* que foi substituído por “pode ser compreendido” na segunda definição. Tal termo foi traduzido de outra forma com relação a primeira definição que apresenta o “pode ser percebida.” No entanto, a definição de Zenão apresentada por Cícero é de difícil compreensão tanto quanto a colocada por Agostinho no livro três do *Contra Academicos*. O entendimento do que seja “que aparece de tal modo que não pode aparecer como falso”, apesar dessa tradução querer facilitar a compreensão, fica um pouco vago não dando para entender o que tal asserção quer significar. Para facilitar essa compreensão pode-se firmar que o que Agostinho quer dizer com “que aparece de tal modo que não pode aparecer como falso” é que o que se apresenta aos sentidos não pode ser ou parecer ilusório (cf. MATTHEWS, 2007, p. 31-32).

Sendo assim, Gareth sugere que se a aparição se apresentar de tal modo que não possa parecer falsa é porque ela se manifesta de um modo que não há espaço para a aparição de algo falso. O resultado é que quando se conhece algo verdadeiramente não pode parecer que quando se trata desse algo não pode ser o caso de não se tratar dessa própria coisa em questão. A impressão assegurada pelo conhecimento desse algo que era chamada pelos antigos de cataléptica, é tal que não se pode nutrir essa espécie de impressão sem que seja o caso de ser essa coisa mesma. Dessa forma, a definição de Zenão sendo interpretada desse jeito e sendo formulada de maneira esquemática resulta no que vem a seguir: o conhecimento de algo é possível se, e somente se, esse algo parecer a alguém ser esse próprio algo em questão, e não poderia esse algo parecer ao observador que seja esse algo, a menos que fosse o caso de ser esse próprio algo em questão (cf. *Ibid.*, p. 32).

Por esse esquema da definição de Zenão não dá para saber com certeza que algo é. Assim segundo esse esquema algo tem sua existência garantida se, e somente se, parecer que há algo diante do observador, e não parecer haver esse algo diante do observador sem que haja esse algo mesmo diante de quem observa. Pode-se pôr em dúvida a existência desse modo concebida, por exemplo, não importa quão nítida e colorida a impressão da existência desse algo que é observado possa ser, ainda existe a possibilidade de que essa aparição seja só ilusão. Primeiro poderia ser um sonho, ou uma alucinação decorrente do uso de drogas, ou ainda o observador poderia estar numa máquina de

realidade virtual que faz com que se produza tal ilusão. Deste modo, a segunda condição da definição de Zenão não é realizada e não se sabe se existe algo diante do observador (cf. *Ibid.*, p. 32-33).

O objetivo do terceiro livro do *Contra Academicos* é saber se, dada a definição de Zenão organizada esquematicamente ou algo semelhante, existem outros tipos de coisas que não se sabe da existência. Assim, o filósofo africano escolhe para seu primeiro candidato a própria definição de Zenão, e indaga não sobre se dá para saber se tal definição é verdadeira, mas apenas se dá para saber se ela é verdadeira ou falsa:

Talvez tua demonstração passe ao largo dessa definição, e, ao que julgo, vês o que se segue, a saber, que mesmo que não estejamos certos disso, nem por isso nos abandona a ciência. Isso porque sabemos que ou é verdadeira ou é falsa. E, portanto, sabemos alguma coisa. De qualquer modo, não será ela que me fará ser ingrato, e portanto julgo-a como uma definição veríssima. Ou se podem perceber também as coisas falsas, asserção que apavora os acadêmicos, e que é realmente coisa absurda; ou então não se podem perceber tampouco as coisas que são semelhantes ao falso. E, portanto, aquela definição é verdadeira. (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 9, 21).

Adotando aqui o princípio do terceiro excluído, ou seja, uma enunciado só pode ser ou verdadeiro ou falso não podendo ser nada além disso, Agostinho alcança o conhecimento de que a definição de Zenão ou é verdadeira ou falsa, desse modo a primeira condição dessa definição foi satisfeita pois essa diz que o objeto do conhecimento só é cognoscível se ele parecer o que ele é. Além do que, ela não lhe pode parecer verdadeira ou falsa se não for realmente verdadeira ou falsa porque, de qualquer modo, não pode deixar de ser uma ou outra. Com isso, o filósofo africano independente da definição em questão ser verdadeira ou falsa, ele já sabe alguma coisa, o que fica refutado aí o ceticismo. Pode-se argumentar contra esse raciocínio agostiniano de que “a definição de Zenão ou é verdadeira ou falsa”, e mais, pode-se supor que essa impressão que Zenão tinha em mente era cataléptica, ou seja, depende do modo como é percebida e por isso reflete aquilo mesmo de que é impressão (cf. MATTHEWS, 2007, p. 33-34).

É necessário ao modo como é garantido que, a impressão do enunciado “a definição de Zenão é verdadeira ou falsa,” reflita corretamente aquilo de que é impressão. É necessário também para que esse enunciado não seja falso ser uma verdade lógica. Dessa maneira, por mais imprópria ou falha que seja o modo como a impressão desse enunciado é recebida, ele não pode ser falso dado ser uma verdade lógica. Segundo Gareth para Agostinho talvez qualquer impressão correta de uma verdade lógica tem a garantia de ser verdadeira; mesmo que isso possa ser ou não uma trapaça às custas de Zenão, pelo menos faz com que o contra exemplo do filósofo africano pareça lógico. Para todos os efeitos o

enunciado de uma verdade necessária satisfaz a segunda condição da definição de Zenão, ou seja, não pode parecer a um observador ser o caso de ser o objeto observado a não ser que seja o caso de que seja o próprio objeto observado (cf. *Ibid.*, p. 34).

Outro exemplo do que se pode conhecer, contrariando assim os céticos da Nova Academia, é o dado por Agostinho na seguinte passagem do *Contra academicos*:

Eu próprio, muito embora ainda muito distante da cercania do sábio, possuo algum conhecimento sobre esses naturalistas físicos. Tenho por certo que ou há um só mundo ou vários mundos, e se há vários mundos, ou são finitos ou infinitos. Seguramente Carnéades ensina que tal sentença é semelhante a uma sentença falsa. Igualmente sei que esse nosso mundo foi assim ordenado pela natureza dos corpos ou por alguma outra providência; que esse mundo sempre existiu e sempre existirá, ou começou a existir e jamais deixará de existir; ou que não teve início no tempo, mas terá um fim; ou que começou a subsistir e não permanecerá perpetuamente; e conhece inúmeros desses conhecimentos sobre o mundo físico. (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 10, 23)

Nessa passagem pode-se apontar muitas asserções que são esperadas pelo filósofo africano. Primeiro que há um só ou vários mundos, sendo assim, isso será uma possível verdade necessária; segundo, que a definição de Zenão ou é verdadeira ou falsa, mas em uma maneira padrão de compreensão a primeira asserção leva a uma terceira que é “há um mundo,” que não é uma verdade necessária. Assim a primeira asserção acarreta a terceira por causa do artigo definido à frente de “mundo.” Sendo que a primeira leva à terceira e esta não é uma verdade necessária, logo a primeira asserção não é uma verdade necessária (cf. MATTHEWS, 2007, p. 34-35).

No entanto, antes de rejeitar esse exemplo hipotético de algo cognoscível, deve-se dizer que não há artigo definido em latim. Pode-se, portanto, interpretá-lo deste modo: “Ou há um mundo ou não há um mundo”, o que conta como uma verdade lógica. Nessa altura Agostinho parece ter refutado o ceticismo geral ao mostrar dois exemplos de coisas que podem ser conhecidas. A sugestão da passagem citada é menos preocupante: “Se não existe apenas um mundo, o número de mundos ou é finito ou infinito.” Isso pode ser interpretado da seguinte maneira: “Se existe mais de um mundo, então o número de mundos ou é finito ou infinito.” De fato, essa asserção tem toda a característica de ser uma verdade necessária. De acordo com a definição de Zenão o conteúdo dessa asseveração é cognoscível (cf. *Ibid.*, p. 35-36).

Logo seguida da última citação vem uma passagem muito inaudita. O ceticismo da Nova Academia provoca o filósofo africano da seguinte maneira: “Mas como sabes que existe esse mundo, retrucou ele, se os sentidos se enganam?” (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 11, 24). Esse é um desafio que é difícil contra-argumentar e que tem mais notoriedade e

importância no *Contra academicos*. Aí é introduzido o que na Filosofia moderna é chamado de o “Problema do mundo externo.” Assim Agostinho responde a tal desafio:

Eu, portanto, chamo de mundo a tudo isso que nos contém e nos sustenta de algum modo, a isso que aparece aos meus olhos, isso que sinto pelos sentidos existir como terra e céu, ou como que uma terra e como que um céu. [...] Mesmo quando dormes, responderá ele, o mundo é esse que vês? Já foi dito, o que quer que me apareça, a isso chamo de mundo. (Ibid., III, 11, 24-25)

Outra vez é refutado o ceticismo porque de acordo com a passagem acima o mundo, independente dos sentidos enganarem ou não, é mundo do mesmo jeito. Agostinho mostra aqui, segundo Gareth, talvez pela primeira vez na Filosofia ocidental a ideia do próprio mundo fenomenal de cada indivíduo, o mundo das aparências que se toma conhecimento com consciência, ou com a mente. Pode parecer que foi Descartes quem descobriu a ideia de mundo fenomenal, mas esta ideia já estava no filósofo africano de acordo como o que foi visto. Ele nunca desenvolveu essa ideia, nunca equacionou o Problema do mundo externo como fez Descartes, mas a formulou e assim inaugurou tal problema. Entretanto, o que ele diz no *Contra academicos* levanta o problema de Descartes (cf. MATTHEWS, 2007, p. 36-37).

Outro tipo de coisa que pode ser conhecida são as verdades matemáticas, refutando o ceticismo Agostinho afirma:

Se há, pois, um mundo e mais seis mundos, é manifesto que somam sete mundos, seja qual for o modo como essa percepção me afeta, e posso afirmar saber isso de maneira bem-pensada. Demonstra-me a razão por que essas conexões ou aquelas disjunções contraditórias que mencionei acima podem ser falsas, em função do sono, da alucinação ou da inconstância dos sentidos, e me darei por vencido quando acordar e delas me recordar. Creio, pois, já ter esclarecido de maneira suficiente aquelas coisas que parecem ser falsas pelo sono e pela demência, a saber, aquelas coisas que fazem parte do corpo sensível, uma vez que três vezes três será nove, e o quadrado de números inteligíveis é necessário que seja verdadeiro mesmo que todo o gênero humano ronque em sono profundo (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 11, 25).

Aqui não interessa se em vigília ou sono, demente ou não, inconstante ou não nos sentidos as verdades matemáticas são as mesmas para todos os efeitos e nada pode alterá-las ou demovê-las.

O último conjunto de exemplos de verdades que podem ser conhecidas são os casos de como as coisas aparecem a quem observa:

Não se deverá assentir mais do que aquilo de que estás persuadido que assim te aparece, e de modo algum serás enganado. Não consigo ver como o Acadêmico pode refutar aquele que afirma: Sei que vejo isso como branco, sei que o que ouço me agrada; sei que isso é frio para mim. Diga-me, ao contrário, se por si são amargas as folhas da oliveira silvestre, de que a cabra tanto gosta. Oh, homem desprezível, a própria cabra não é mais modesta que tu? Não sei como elas sabem ao animal, todavia para mim são amargas (Ibid., III, 11, 26).

A percepção nessa perspectiva é infalível e pessoal, cada um tem a sua experiência com os objetos do mundo assim como se lhes parecem. E nada pode ser dito contra aquele que afirma com certeza experimentar tal objeto como lhe parece, pois sua percepção é única e não se engana. Mesmo sonhando ou acordado, tendo alucinações ou não, os sentidos têm uma percepção excepcional que não pode ser contestada, mas, no entanto, eles não alcançam a ciência, somente a opinião. A conclusão do terceiro livro do *Contra academicos* é que mesmo estando sonhando existem muitas coisas que se podem conhecer, portanto o conhecimento é possível, contrariando assim os acadêmicos.

O campo de conhecimento que Agostinho descobre é bem vasto, de modo específico, para ele pode-se conhecer verdades lógicas, verdades matemáticas, a existência do próprio mundo fenomenal e como as coisas parecem ao observador. Nos dois primeiros tipos de conhecimentos esses podem qualificar-se segundo a definição de Zenão, especialmente por serem verdades necessárias. Desse modo, “dois mais dois são quatro” torna-se conhecimento porque parece ser a todos o que de fato é, ou seja, “dois mais dois são quatro.” Não é o caso de que as impressões de verdades matemáticas particulares tenham, por serem apenas impressões, qualquer qualidade suscetível de endossar o saber. Mas o fato é que “dois mais dois são quatro” tem uma qualidade excepcional de garantia própria à proporção que revela uma verdade necessária (cf. MATTHEWS, 2007, p. 38).

Os outros dois tipos de conhecimentos são muito diferentes. Ao contrário de “dois mais dois são quatro”, “Parece-me que existe um mundo lá fora” não configura uma verdade necessária. Assim como também o “Isso tem para mim um gosto amargo”. Tais impressões diferentes das verdades necessárias, garantem-se por si mesmas, não deixando espaço para o indivíduo duvidar de que sabe que as tem. O filósofo africano mostra em suas últimas obras pouco interesse no conhecimento de como as coisas parecem a quem observa, focando mais no conhecimento de verdades lógicas e matemáticas. Essas são tidas por verdades eternas que a mente humana pode comportar. Elas estão entre os inteligíveis que podem chegar à mente do homem via iluminação divina (cf. Ibid.).

O interesse de Agostinho pelo conhecimento do mundo fenomenal que todo indivíduo pode saber que possui torna-se, na sua última obra, um interesse na mente e no que ela é capaz de saber a seu respeito. Tal interesse está prefigurado no *Contra academicos* nesta passagem em que ele pela primeira vez fala do que a mente do homem ou alma pode saber de si mesmo:

... Platão era de opinião que havia dois mundos: um mundo inteligível, no qual habitava a própria verdade; e este mundo sensível, que nos é manifesto senti-lo através da visão e do tato. Assim, aquele mundo era verdadeiro, e este verossímil

e feito à imagem daquele. E, portanto, daquele mundo pode-se gerar a verdade na alma – que conhece a si mesma –, a verdade com limpidez e serenidade; deste, pode-se gerar a opinião, mas não a ciência, na alma dos estultos (AGOSTINHO, *Contra acad.*, III, 17, 37).

4. A incorporação da dúvida acadêmica no método agostiniano

Apesar de ter refutado os céticos acadêmicos, Agostinho, no entanto, incorpora ao seu método filosófico a dúvida própria dos acadêmicos. Pode parecer estranho que logo a dúvida que tanto angustiou o filósofo africano seja justamente ela o instrumento metodológico por meio do qual ele buscou a verdade. Em verdade ele não compreendia a dúvida como sendo negativa, mas, sendo um estudioso do platonismo, indicava a dúvida como método investigativo dialético para se alcançar a verdade, e isso segundo Júnior, parece ter sido o que de mais original se encontrou em seu método investigativo que foi por ele aperfeiçoado. No que tange aos acadêmicos, o que parece ter sido um grande problema era a fixação exagerada no método maiêutico-socrático, permanecendo ali e não conseguindo avançar ao caráter utilitário-teleológico que a dúvida pode suscitar e chegar ao conhecimento (cf. JÚNIOR, 2017, p. 119).

Assim ao refutar o ceticismo acadêmico, o filósofo africano se apropria da dúvida cética dando-lhe um novo sentido. É o que Júnior vê em sua tese de doutoramento:

Sua genialidade transportou a acepção grega da dúvida como fim estacionário, para uma concepção mais arrojada e utilitária da mesma, passando esta agora a ser instrumento dialético-investigativo na busca e apreensão do conhecimento, que não se prende em si mesmo, mas supera seus próprios extremos, suscitando o desvelamento do conhecimento – sensível/inteligível – que outrora se encontrava obnubilado pelas trevas abissais da ignorância humana (cf. Ibid.).

É com a dúvida que Agostinho trabalha em seus vários diálogos, e mesmo nos tratados, como por exemplo no *De civitate Dei*, a dúvida aparece na forma de escolha entre teses defensáveis.

A dúvida no campo religioso sempre foi um empecilho à fé, que por sua vez esta é refúgio para o que não se pode compreender. A fé concorda e a dúvida inquirere, aquela; romântica, devota e ingênua, esta; inteligente, filosófica e perspicaz. Tudo isso fez destes dois elementos antagônicos, o motivo das mais acaloradas disputas. A dúvida é própria da ciência, já a fé da religião; e assim o confronto entre ambas sempre foi problemático e teve diversas consequências drásticas para a humanidade, apesar dos esforços agostiniano sem reverter esse paradigma e dá um novo sentido à relação entre dúvida e fé. Isso porque Agostinho jamais encarou a dúvida pelo viés do medo e da

fraqueza, muito pelo contrário, ele a afrontou com avidez ao apropriar-se dela e a introduzir no método dialético dos gregos para inquirir as querelas relacionadas à fé cristã (cf. *Ibid.*, p. 120).

É notório que a dúvida está no meio do método dialético de perguntas e respostas que o filósofo africano aprendeu do Neoplatonismo sem, no entanto, romper a ordem do processo de investigação filosófica. Embora o pressuposto agostiniano alie fé e razão, a preocupação de Agostinho é aplicar seu método dialético investigativo de modo honesto e imparcial, de forma que com sua evolução natural a Verdade se desvele evidenciando assim o objeto de sua procura. Com isso, pode ser encontrado nos diálogos filosóficos agostinianos momentos em que ele se utiliza do método maiêutico-socrático de pergunta e resposta a fim de se engendrar o conhecimento, e usa-o como instrumento de esquadramento da verdade (cf. *Ibid.*).

No *Contra academicos* inquirindo Licêncio sobre a posição dos céticos da Nova Academia sobre a doutrina do *Pithanon*, ou seja, o provável; o filósofo africano inicia seu discurso perguntando dialeticamente:

Te agradam os novos acadêmicos, perguntei então? Muito, disse ele. Portanto, em tua opinião eles dizem o que é verdadeiro. Mas quando ele estava para assentir a essa ideia, vendo que Alípio já começava a sorrir, ficou um tanto mais precavido e excitante. Depois, disse: Repita a questãozinha. Não te parece que os acadêmicos dizem a verdade? E novamente, calando-se por mais tempo, disse então: Se é verdadeiro, não sei, mas seguramente é provável. E não vejo nada que eu deva buscar mais que isso. Não sabes que o termo *provável* recebe seu nome também do próprio *verossímil*? Assim parece, disse ele. Portanto, repeti, o verossímil é a tese dos acadêmicos? Assim é, disse. Pergunto então, disse eu, presta mais atenção. Se alguém afirma que o rosto de teu irmão é semelhante ao de teu pai, mas não conhece teu pai, ele mesmo, não te parece ser ele insano ou retardado? E aqui ele se calou por longo tempo. Depois disse: Isso não me parece ser uma coisa absurda (AGOSTINHO, *Contra acad.*, II, 7, 16).

O que é interessante aqui é o modo como o filósofo africano esquematiza seu método investigador engendrando um encadeamento de perguntas e respostas que se concatenam gerando a partir desse movimento o argumento da ideia investigada, que serve de base para a geração e construção do conhecimento (cf. JÚNIOR, 2017, p. 121). Aí vê-se a dialética aos moldes socrático adicionada a dúvida cética, Agostinho assim consegue aperfeiçoar a maiêutica socrática desenvolvendo um método novo que alia elementos quase antagônicos para chegar à verdade.

É importante observar a função da dúvida cético-acadêmica exercida no método indagador de procura do conhecimento em Agostinho. Tal função tem sua origem no afrontamento do filósofo diante do problema colocado e que exige que se investigue. Desse jeito, a dúvida a qual o filósofo africano se apropria pode ser entendida como: “...

'um olhar do filósofo em direção ao desconhecido-transcendente' que, diante da perplexidade do mistério por ele deparado, se debruça aguçadamente na busca do entendimento do problema à sua frente" (Ibid., p. 122). Entretanto, no uso da dúvida Agostinho concede a mesma uma função central no processo de especulação filosófica do seu método, já que é justamente sobre ela que se efetivará o processo dialético da razão, com o objetivo de alcançar os conceitos necessários para formulação do argumento que determinará a solução do problema perquirido (cf. Ibid., p. 123).

Para uma análise mais detalhada é essencial observar como a dúvida cética funciona no método dialético agostiniano, nas *Confessiones* o filósofo africano utiliza-a para chegar ao conhecimento desejado:

Mas, que amo eu quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantilenas, nem o suave odor das flores, dos unguentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão suscetíveis às carícias carnis. Nada disso eu amo, quando amo o meu Deus. E contudo, amo a luz, a voz, o perfume, o alimento e o abraço, quando amo o meu Deus: a luz, a voz, o odor, o alimento, o abraço do homem interior que habita em mim, onde para a minha alma brilha uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo quando amo o meu Deus (AGOSTINHO, *Conf.* X, 6, 8, p. 275).

Vê-se aí uma dúvida logo colocada no início dessa passagem, tal questionamento introduz o método cético-dialético, apesar dessa obra não ser propriamente um diálogo com interlocutores, mas consigo mesmo e com Deus; assim Agostinho especula sobre a essência de Deus se apoiando na razão. Ele ultrapassa a partir dessa querela o nível sensível do ser e atinge o inteligível que não conseguia conceber. A conclusão é que esse Deus é inteligível e não sensível, solução essa que só foi possível a partir da dúvida latente em seu ser que o impeliu a investigar e assim chegar a uma solução. Nesse sentido, a dúvida cético-acadêmica não é tida por um meio onde se deva fixar-se, mas por um momento do processo de investigação filosófica que deve ser superado. Ela é fundamental na busca por respostas a problemas existenciais, ela é um momento de trevas que é iluminado em meio a ignorância do investigador. Assim o grande *insight* de Agostinho é ter utilizado um método acadêmico para combater os próprios acadêmicos sem deixar de considerar o seu valor.

Conclusão: O erro dos acadêmicos

O filósofo africano rejeita o ceticismo além de apontar um erro nessa forma de fazer filosofia. No presente trabalho já foi demonstrado como Agostinho refuta os acadêmicos da Nova Academia, agora surge a questão: Se os cétricos estão errados, pois foram, como se viu aqui, refutados, qual seria então o seu erro? No que os acadêmicos erram no seu modo de pensar? Qual a sua incoerência?

Agostinho em sua argumentação contra os acadêmicos observa que se alguém que viu uma pessoa e diz que essa é semelhante a outra só por ouvir dizer, se ela crê nisso não poderá ser considerada como sendo portadora de um erro? Ao que Alípio responde que não necessariamente, a não ser que proclame afirmando saber tal coisa com certeza. Uma vez que tal homem: "... afirma ser provável aquilo que se propaga pela fama que continua a se espalhar, não pode ser acusado de nenhuma temeridade." (AGOSTINHO, *Contra acad.*, II, 7.19). Dessa maneira, Agostinho, sendo pegue em um argumento duvidoso, coloca a questão nestes outros termos:

... Consideremos por um pouco de tempo essa questão, colocando-a como que diante de nossos olhos. Suponhamos que está aqui presente aquele não sei qual homem que descrevemos anteriormente. Surge de alguma parte de repente teu irmão, e diz: Quem é o pai deste filho? E lhe respondem: Trata-se de um certo Romaniano. E aquele então diz: Como se parece com seu pai! Com que exatidão me havia sido reportado isso apenas pelo ouvir dizer. Aqui, tu mesmo, ou algum outro diria: Então conheces aquele Romaniano, ó bom homem?! E ele: Não o conheço, muito embora me parece muito semelhante a este homem. Seria possível que alguém não risse de tal situação? (Ibid.)

Assim Alípio assente à questão dizendo que o riso nessa situação era certo. O que leva a concluir inevitavelmente que tal riso se estende também aos acadêmicos porque, da mesma forma que esse homem, eles perseguem o falso, que é a semelhança do verdadeiro, mas ignoram completamente a verdade (Cf. Ibid.). Caindo assim em contradição já que não se pode seguir algo sem ter ciência do que ele realmente é. Não conseguem segui-lo, pois não se sabe nem ao menos o que seguir. Agostinho expõe assim a contradição cética rejeita essa filosofia, mas ao mesmo tempo a acolhe como propedêutica a filosofia platônica uma vez que ele passou por seu momento de ceticismo no processo de sua conversão. Assim, tal como os acadêmicos, não consegue encontrar a verdade no nível sensível da realidade, mas apenas no que está além dele (cf. FITZGERALD, 2018, p. 226).

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO. **Contra os Acadêmicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018

FITZGERALD, A. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. São Paulo: Paulus, 2018.

JÚNIOR, A. P. **A superação da superação: apropriação/superação da dúvida acadêmica na busca da verdade na filosofia da interioridade de Santo Agostinho**. Tese (Doutorado). Recife: Doutorado Integrado em Filosofia UFPB-UFPE-UFRN, 2017.

MATTHEWS, G. B. **Santo Agostinho: a vida e as ideias de um filósofo adiante de seu tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

TRAPÈ, A. **Agostinho: o homem, o pastor, o místico**. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.

Data da submissão: 15 set. 2025.

Data do aceite: 30 nov. 2025.



Esta obra está licenciada sob licença Creative Commons Atribuição Não Comercial 4.0 Internacional (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/legalcode.pt>).